

# Homenagem ao comendador Cónego Delgado

-> 4ª Página

te peço eu!...»

Se bem me lembro... é uma recolha de testemunhos, (uma conversa relâmpago não programada), de pessoas que conviveram de perto com o Pe. Delgado.

- «Conheci-o munta bem. Era munt' amigo dos pobres, oh se era!... mas cando não lhe agradava... era chapada na cara! (ri) Os mocinhos qu' o digam. (Eles tamém eram endiabrados). Andava debaixo de todò tempo, num calhambeque todo velho, co Manel dos Tablados, plas fábricas, a pedir pràs meninas d' asilo. Tinha lá uma pocilga, (vamos), que alimentava o asilo e irmãs e tecedeiras. Eu mandei té lá fazer umas coisinhas. Tinha lá forno pra fazer o pão pra elas, ensinavàs meninas, as meninas andavam nas suas escolas, enfim». **Alda**

- «Ele tinha uma scola primária, ali, trás d' antiga casa paroquial, (aponta prà direita) nuns almarzens grandes. A minha familia fez lá a 4ª classe, isso tudo... era a Scola do Padri. Ele organizava jogos... ia prò Largo da Fêra cos cabeçudos. Ele fazia munta bem a todos. Olhe, o primêro emprego, o primêro emprego, assim... bom, do mê marido, (qu' ele ganhava poucachinho), foi ele qu' arranjou». **Aguedita**

- «Ele acodia a todos. Ele salvava a todos da tropa, aí em Olhão. A minha familia foi toda livre da tropa co pedido do Pe. Delgado. Olhe... A Germana era munto da igreja, cresceu e... pôs a igreja di parte. Mas cando havia um casamento, aí tava a Germana n' igreja. Um dia, ele bai prài abaixo, ela stava ali perto do batistório, e diz-lhe: - Atão, qu' istás qui a fazeri? Já não bens à missa e veste ber o casamento? Aí

cachinho...»). (sorri). **Alda**  
- «Eu era miúdo e conhecia-o bem. Todos os miúdos, quando viam o Pe. Delgado na rua, tinham um respeito tremendo... Toda a gente ia dar-lhe a bênção a ele.... Ele não era mau, não. Era uma excelente pessoa. Toda a gente lhe tinha respeito. É esta a ideia que eu tenho dele quando eu era miúdo.» **Homero**

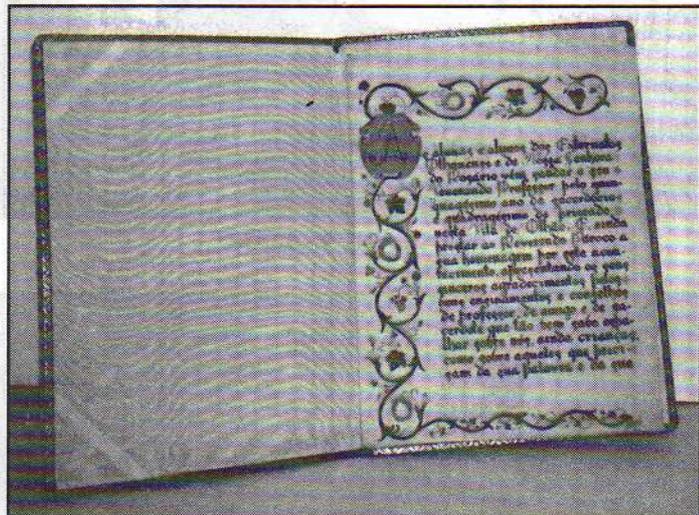
- «Ele não distinguia quem era católico ou não. Ajudava a todos. Cando alguém tinha falta ou batia à porta, ajudava. Às vezes, estava mal disposto, almirado. Mandava a pessoa embora. Depois ia a casa dela, pedia desculpa e arranjava tudo o que precisavam». **Aguedita**

- «Se me lembro dele? Sim. Pra mim, foi munto bom. Era munto amigo dos pobres. Eu lembro uma história dele. Por exemplo... Eles (oz homes) passavam e diziam assim: - Eu hoje na ganho nada. - Então já ganhaste! E dava-lh' uma bofetada e tod' a gente ria à gargalhada. Era munto brêjeiro...» **Homero**

- «Cand' eu me casei, quem me casou foi um padr' amigo que stava em Lólé. Ele conhecia-me munto bem, pois andava n' igreja desde criança. No dia do casamento ele vem à igreja, olha pra mim, e diz-me: - Mooço, tu stás tão linda, tão liiinda, que parece a Maria Stuart... Ele não ligava a estas coisas, mas pra mim, ele tinha sempre um carinho tão grande, tão grande! Eu nesse dia fiquei munto contente com a sua atitude. Mas, uma vez, eu vim ver um casamento, pois eu fazia vestidinhos pràs crianças dos casamentos. Eu fui-me ajoelhar, apesar das pessoas entrarem todas de roldão. Ele pega-me, assim...

rua! Só vens aqui pra ver casamentos! Nunca vens à missa. (ri). E eu vinha todos os dias, todos os dias.... (ri). Ele er' assim. Eu conhecia-o munto bem. Ele tinha destas

vinha prà igreja e ele chama-me. - Olha lá! Anda cá. Eu voltei prò pé dele e disse-me: - Tu não tens vergonha de ofereceres uma coisa tão pequenina? (ri) Digo-lhe eu,



coisas». **Aguedita**

- «Um dia, andavavam angariar ouro prà croa de Nossa Senhora. Eu telfonei do correio prò meu Manel Zé e disse-lhe: Olha, Manel, o sr. dr. Delgado and' a pedir ouro pra fazeri uma croa pra Nossa Senhora e prò Menino. Eu tenho uns brincos piquenos, assim... assim... (junta o dedo polegar e o indicador) tu qu' é que dizes? Ele disse-me: - Ó mulhêri, faz aquilo qu' entenderes. O que fizeres stá tudo bem fêto. Eu peguei nos brincos piquenos, eu não ia levar os maiores... valha-me Deus... peguei nos brinquinhos piquenos e fui lá à sancrestia com uma mocinha qu' eu tinha na minha companhia. Cheguei, bêjei-lhe a mão, é claro; ele perguntou-me plo meu marido que stava prò Norte; e disse-lhe que vinha trazeri a minha oferta prà croa de Nossa Senhora. - Ai, filha, o tê marido sabe? - Eu na faço nada sem o mê marido saberi, sr. Pe. Delgado. Telfonei com ele. - Stá bem. Deixa lá ver... Dei-lhe os brincos, recebeu, e disse: - Munt' òbrigado. Tiveste uma bô idêa! Eu

assim: Ó senhor doutor, tem tod' a razão, mas se todos os parquianos d' Olhão oferecessem uma oferta assim... mesmo pequenina... a Nossa Senhora não podia com a croa. - Ó filha, tens munta rezão! Tens munta rezão! Vai-te já imhora! vai-te já imhora! (ri). Era assim...»

**Alda**

- «A ideia qu' eu tenho dele, pois eu era miúdo, é aquela que todos os miúdos têm. Cando víamos o Pe. Delgado ficávamos assim... como que amedron-tados, (encolhe os ombros), porque ele era rijo, era recto, qu' ria as coisas derêtas, era assim... Não era que fosse mau.»

**Pontes**

- «Ele tinha munta importância, ai! aquele home! Olhe, um primo e afilhado do des-cansado mê marido, stava na ilha e casou munto novo. Depois... foi prà tropa, praaaa... Beja... ou quêêê... e a specia-lidade dele é pular. Andava a pular a cavalo, nas mulas, e, atão, ele cafu, mas não se feriu munto; foi uma fantasia que ele fez e veio pra casa ganhar a vida. Chamaram-no e ele não s' apresentava. Passado aquele tempo, ele andava a manar pois

# Homenagem ao comendador Cónego Delgado

--> 5ª Página

não tinha nada. Veio um dia uns guardas... vieram buscá-lo, ali ao Bate Estacas, ali entre as praças, e então levaram-no algemado. Iam pelas ruas das lojas, ali junto à casa Rossio, e passa o dr. Delgado. Olha prò rapaz e diz: - Olha lá, rapaz, tu não és primo e afilhado do Manel Zé? - Sou sim, senhor! - O qu' é que fizeste? A guarda parou e ele contou... assim... assim... (O dedo indicador faz um círculo). - Dá-me lá o nome do teu comandante.. ou do teu capitão... ou lá o que é! Deu-lhe aquela coisa... coisa... e, ao fim de dois dias, o afilhado do Manel Zé estava em casa a trabalhar. O homem tinha uma grande importância, uma grande importância».

**Alda**

- «Eu estava num casamento c'uma amiga. Eu estava aqui e ela ali. (Indica a posição). Ela estava só a rir, a gozar com aquela coisa toda. Ele depois disse-lhe: - Cala essa boca, rapariga. Ela não se calava. Ela morava ali por trás. (Indica com o dedo). Passou todo o casamento a gozar. No fim do casamento, o Pe. Delgado foi a casa dela. Abriu o postigo e zás... Toma lá, malcriada... (ri). Contou-me ela, era munto minha amiga, Não ficou zangada, não ficou, non sinhorí... Cando havia um casamento, ela ia sempre à igreja a espreitar o casamento mas já nom gozava. Ela dizia: deixa ver se ele vem outra vez abrir o postigo.... (Ri) **Desidéria**

- « Eu morava ali, prò Pingo Doce. Ele era muito nosso amigo. Abria o postigo, entrava e cascavilhava a casa toda. Era assim. Um dia disse: - Ouve lá, tu sabes do significado deste quadro que tens aqui na parede? Digo assim: Não sei, não... O Pe. Delgado explicou a

naquele dia em que estava no chão peixe assado e todos comeram. Ele fez a explicação toda... Depois, olha pra uma fotografia minha e disse: - Esta és tu?... - Sou sim, senhor doutor. - Stás munto boa, mas olha lá, não precisavas nada de pintar os bêços... (sorri) **Alda**

- «Quando era criança, eu dizia: ah... vou à missa. Porquê? - dizia a minha mãe. Ele dá amêndoas...respondia eu. (ri) Lá ia pra casa com um cartochinho de amêndoas (ri). Na catequese ele dava uns santinhos... eram uns santinhos»... **Aguedita**

«Ele era um pobre, coitadinho... Andava aí com a sotaina ou qu'era aquilo... e, atão ... ele alto, magrito, com aqueles óculos grandes e, atão, ia pedir as conservas à fábrica, todo molhadinho... enchar-cadinho, ia à praça, à fábrica, vinha carregado na companhia dooo... Manel dos Tablados. **Alda**

- «E as procissões.... ai!... que lindas procissões ele fazia. Ai!... tinha muntos homes, só marítmos, aquilo é que era!... O compadre João Quintino, o Zé Custódio d'Orelhas ajudavam-no munto. Ai!... nas procissões era tudo marítmo, tudo se comportava bem, não é como hoje. Ai!... desde o descansado Jose Valé é que tudo isto mudou. - Este não é casado, não pode ir na procissão; este é amigado, também não pode ir. Ai!...mas eram todos pessoas honestas. Os homes oposeram-se e desapareceram todos. Só ficaram bêbedos. Ai!... antigamente aquilo é qu'era lindo! Nunca faltavam homes pra ir nas procissões e levar os andores, santo Deus!... Ai!... até pagavam pra ir co andor! Não é como hoje qu' é uma vergonha... Ai!... se fosse eu

mais nenhuma. Ai!... antigamente aquilo era d'outra maneira. Havia um res-pêto...» **Alda**

- «O Pe. Delgado tinha uma característica muito interessante, em relação às crianças. No fim da catequese, dava-se uma senhazinha a cada criança e quem tivesse mais senhas, na Páscoa, mais amêndoas recebia. Os filhos dos ricos recebiam um santinho. Na rua, perguntava às crianças: - Como te chamas tu? - Eu chamo-me Zé Manel. - Zé Manel? Zé Maneel... gosta muito de papeee!... E tu, como te chamas? - Eu sou Francisco José. - Francisco Josééé... gosta muito de cafééé!... E tu, então, como te chamas? - Ai!... eu chamo-me Ilídio dos Santos. - Ilídio dos Santos?... Ilídio dos Saaantos...gosta muito de fazer praaantos!... Era, assim, que cativava as crianças. Ele tinha, assim, destas coisas». **Ilídio**

- «Eu ainda era casada. Um dia, estávamos os dois com o Pe. Delgado. O meu marido estava assim... a olhar para aquilo... que o sacerdote tem ao pescoço... o colarinho branco!... E ele diz: - Mòss, tás òlhar pràqui? Tenho algum piolho?» (Apontou para o pescoço). Ele era assim... **Lúcia**

- «Um dia, andava a pedir pelas casas comerciais. Foi à loja do sr. Ferreira. E, então, pedia um paninho, uma pecinha de pano, pra fazer os lençóis pràs meninas. O Sr. Ferreira, então, disse: - Senhor Doutor, passe por aqui da parte de tarde. Eu vou ver o que se consegue arranjar. Ele foi buscar, de tarde, a pecinha de pano. - Olhe, sr Padre, pano de lençóis não tenho, mas tenho aqui esta esta chitinha, este xadrezinho, pra fazer os bibinhos pràs meninas. - Stá

muito bem. Agora, se faz favor, arranja que amanhã venho buscar o pano pròs lençóis... **Ilídio**

- « Ele tinha muitas famílias amigas em São Brás de Alportel. Ia todos os meses visitá-las e vinha carregado com géneros alimentícios de toda a espécie pràs Meninas do Asilo. Comia em casa dos amigos e, no fim, davam-lhe uma saca de trigo, de milho, ou batatas. Ele agradecia e dizia: - Isto deste tu. Agora dá cá outra saca que te peço eu!... E assim enchia o carro...» **Anita**

- «O arrieiro da Fonte do Bispo, Manuel Dias, era um homem brincalhão e muito desbocado. Durante anos a fio acarretou pedra aqui prò cais de Olhão. Às vezes, trazia es-condido sacas de cereal para vender. A Guarda, sempre à coca, mandava-o parar e aprendia-lhe a mercadoria. Ele dizia que era uma oferta prò Pe. Delgado, que as meninas estavam a morrer de fome. A Guarda, como não confiava na palavra do homem, acompanhava-o até à casa paroquial. Batia à porta e, quando aparecia o Pe. Delgado, dizia: - Aqui stá esta incomenda que lhe manda a D....(inventava um nome) de Santa Catarina da Fonte do Bispo. O Pe. Delgado agradecia e a Guarda retirava-se. Passado algum tempo, o arrieiro voltava à casa do prior e dizia-lhe: - Ó senhor doutor, que desgraça a minha! Eu trazia o saquinho pra vender... e tive de vir aqui trazê-lo pra não ir preso. - O filho, dizia o Pe. Delgado, tu deixas ametade e levas o resto!... O Manel Dias lá levava meia sacola de feijão ou trigo, pra vender na candonga dos Sete Covovelos, pra forrar algum dinheiro prò jintar». **Blé**